

O CASO DO MONOTONGO NA FALA DE MORADORES DE LAGOA GRANDE/CEARÁ-MIRIM-RN

Débora do Nascimento Felipe (UFRN)
felipedeborah@gmail.com

Mariana Alves Barbosa (UFRN)
marianaalvesletras@gmail.com

Carla Maria da Cunha (UFRN)¹
cmcunha@ufrnet.br

1. Introdução

O presente artigo busca apresentar alguns resultados da pesquisa linguística feita com colaboradores da família Felipe que residem na comunidade de Lagoa Grande, localizada no município de Ceará-Mirim/RN. A família Felipe, que assim, por vezes, se denomina, tem, na localização geográfica em que se encontra e na construção de sua história, características, muito embora não refletidas por grande parte de sua família, que a distinguem do restante da comunidade em que está localizada.

Essa distinção é percebida com mais ênfase, quando observada a dificuldade na inter-relação social dessa família com os demais membros da comunidade, sendo estabelecida na maioria das vezes uma relação de contato por necessidade tanto da comunidade com a família quanto da família com a comunidade.

A partir das características sociais e geográficas da família Felipe, eu, Débora Felipe, como integrante dessa família, resolvi pesquisar em 2012 as possíveis variações de fala da família. A pesquisa que iniciei sozinha em 2012 foi retomada em 2014, como parte de uma atividade de outra disciplina da graduação. Então, eu e Mariana Alves Barbosa passamos a nos envolver com essa pesquisa.

Ampliamos o material de pesquisa – antes composto por duas gravações de dois colaboradores – que passa a ser constituído por quatro gravações de quatro colaboradores, cujas idades variam de 21-25 anos e um com, aproximadamente, 20 anos de idade de diferença dos demais.

Concentramos nosso estudo, nesse momento, no ditongo e na monotongação presente nas formas verbais de pretérito perfeito do indicativo na 3ª pessoa do plural (p6). Avaliamos que quanto mais imersos na comunidade, menor a possibilidade dos indivíduos da família Felipe de articularem ditongos nessas formas verbais. Foi a partir dessa hipótese que norteamos nossa pesquisa.

A análise fonológica está respaldada pela Geometria de Traços apresentadas por Clemnets e Hume (1995) e na discussão feita por Matoso Câmara Jr. (1980) acerca da formação do ditongo para as formas verbais em P6.

O método de entrevistas foi respaldado na Sociolinguística por considerarmos o contexto social relevante para a língua, especificamente para essa pesquisa, visto que as características sociais podem refletir nas variantes de uma língua, passível de estudos e análises.

2. Metodologia

A pesquisa utiliza como referenciais teóricos a Sociolinguística e a Geometria de Traços. Considerando a Sociolinguística, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da

¹ É a professora orientadora da pesquisa.

cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. E, por entender que o uso da língua revela diversas variáveis, as variações se apresentam quando o falante, no uso da língua, tem possibilidade de utilizar para o mesmo referente formas alternativas definidas como variantes.

A pesquisa qualitativa foi sendo direcionada ao longo do desenvolvimento do trabalho. Diferente da pesquisa quantitativa, não busca enumerar ou medir eventos, mas sim, a partir do contato entre os sujeitos (entrevistado e pesquisador) obter dados, objeto de estudo, e promover posterior interpretação e descrição desses dados.

O grupo pesquisado envolve indivíduos da família Felipe que tem seu conjunto de casas (8 casas) um pouco afastadas da comunidade à qual, geograficamente, pertence. A Família Felipe localiza-se em uma margem da lagoa de Lagoa Grande e a comunidade maior posiciona-se na margem oposta a da Família Felipe nessa lagoa. Observados os fenômenos linguísticos passíveis de serem analisados, delimitamos nosso foco na monotongação realizada por esses indivíduos na forma verbal em *p6* do pretérito perfeito.

Como representação da fala desses indivíduos, entrevistamos quatro falantes. Os critérios utilizados foram, 2 falantes que têm seus laços, ainda, muito fortalecidos com a comunidade e

2 falantes que estão em processo de mobilidade social, ou seja, têm contatos mais intensos com outros grupos sociais.

Partindo dessas premissas, delimitamos o arcabouço teórico que julgamos importante para a pesquisa em questão e buscamos, *in loco*, averiguar as possibilidades concretas dos fatores; se a localização geográfica e a condição social influenciam na produção de fala da comunidade de fala pesquisada, que é a Família Felipe. Para tal intento, buscamos também refletir um pouco mais sobre a história dessa comunidade de fala.

Foram feitas as gravações de fala dos quatro pesquisados. O tema sugerido para dois deles foi a história da associação da qual são membros e para os outros dois foi um fato marcante de suas vidas. Em posse dessas gravações, foram feitas as transcrições fonéticas das falas dos colaboradores.

É importante destacar que, ao longo desse processo, fomos delimitando os fenômenos linguísticos variáveis que queríamos analisar, ficando assim definido o fator linguístico de natureza morfofonológica, que envolve a passagem de ditongos para monotongos nas formas verbais flexionadas na 3ª pessoa do plural dos verbos no pretérito perfeito do indicativo.

A Geometria de Traços, que tem como finalidade representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e sua manipulação isolada ou em conjuntos solidários, é aqui aplicada na descrição dos segmentos envolvidos na formação dos ditongos e também na monotongação.

3. Comunidade de Lagoa Grande

O município de Ceará-Mirim está situado na mesorregião leste potiguar e na microrregião do município de Macaíba, limitando-se com os municípios de Maxaranguape, São Gonçalo do Amarante, Ielmo Marinho, Taipu e o Oceano Atlântico. Segundo o IBGE (Censo 2010), Ceará-Mirim tem uma área territorial de 724,381 km² e uma população de 68.141 habitantes.

Por estar situado em um Vale, em meados do século XIX, o município tornou-se um importante produtor de cana-de-açúcar que, no apogeu dessa cultura, estabeleceu-se como um dos centros sociais e políticos do Estado. O município tem, até hoje, como uma das suas características muito fortes, o legado da cultura canavieira. No entanto, a cultura canavieira não responde, há muito tempo, a expectativa socioeconômica, tornando Ceará-Mirim, pela ausência de emprego, uma cidade dormitório, da qual mais de duas mil

pessoas deslocam-se diariamente para Natal, no intuito de desenvolver suas atividades laborais.

Lagoa Grande é um uma comunidade rural (povoado), distante 5 km² do centro urbano do município de Ceará-Mirim, grande parte da comunidade de Lagoa Grande, ao fazer referência a zona urbana, denomina-a de “rua” e não de Ceará-Mirim. A localização da comunidade próxima a uma lagoa motivou o nome desse povoado. A comunidade de Lagoa Grande está assentada nos limites da linha férrea e da estrada que liga Ceará-Mirim a Extremoz, RN 164. Essa localização fez de Lagoa Grande um povoado composto por pessoas que foram tomando posse das terras da Rede Ferroviária Federal S.A (REFESA) e construindo suas casas de pau-a-pique (taipa). Hoje essa realidade de casas de taipa tem diminuído, pois alguns projetos de habitação possibilitaram, à grande parte da população dessa comunidade, a posse de casa de alvenaria. Os indivíduos da comunidade sobrevivem, basicamente, como trabalhadores na agricultura, em terras alheias, sendo, então, sem-terra, meeiros, arrendatários ou ainda trabalhadores diaristas ou biscateiros.

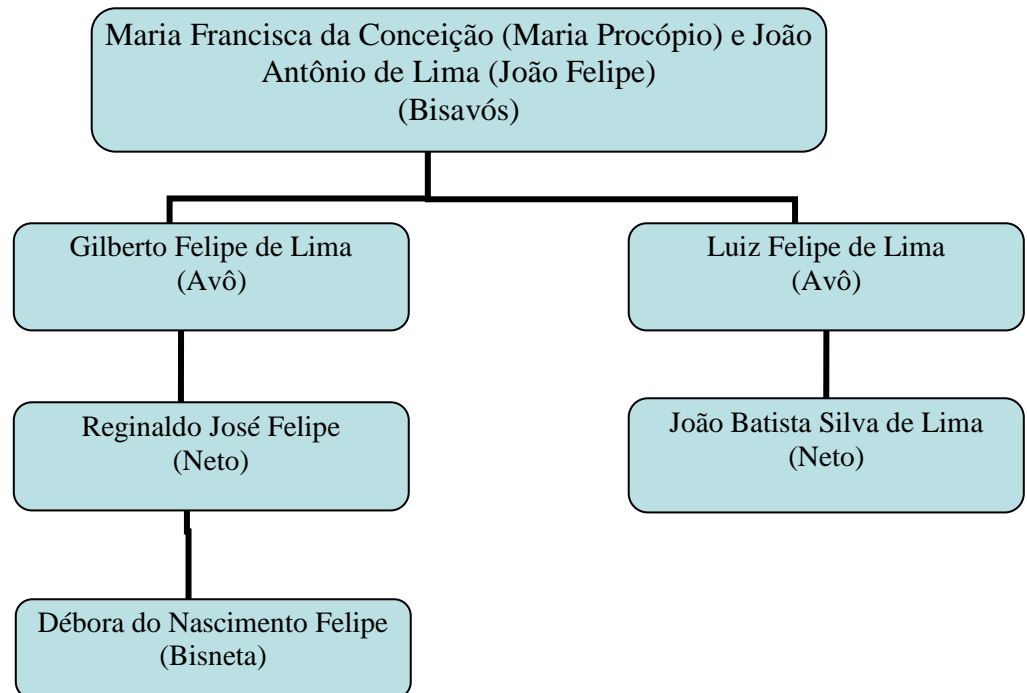
Até meados da década de oitenta, a lagoa de Lagoa Grande tinha uma importância muito grande na suplementação alimentar das famílias dos desempregados do povoado; costumava-se dizer que “fulano estava escapando na lagoa”, ou seja, se alimentava dos peixes da lagoa. O Pró-Álcool (Programa de Governo) levou a companhia açucareira e outras destilarias a desmatar grandes porções de terra, sem critério de preservação ambiental, para o plantio de cana-de-açúcar. Uma das regiões atingidas pelo desmatamento foi a bacia que capta águas pluviais para a lagoa.

O desmatamento e o cultivo da cana-de-açúcar têm levado, ao longo dos anos, ao acúmulo de material orgânico dentro da lagoa, causando a eutrofização, e, com isso, extinção de peixes e alguns animais antes encontrados na região. Dessa poluição da lagoa surge um tipo de vegetação denominado taboa que, se não for retirado, ameaça sua extinção. Hoje, a Associação Produtiva de Lagoa Grande contribui com ações para evitar a extinção da lagoa, utilizando a taboa como matéria prima de seu artesanato.

3.1 A Família Felipe

A história da família Felipe, aqui delimitada, se inicia com a bisavó de uma de nós, Débora Felipe. Destacamos que a história desta família está respaldada nos relatos orais dos familiares. A representação da árvore genealógica abaixo facilita a compreensão do momento em que o sobrenome Felipe passou a ser referência da família.

Figura 1 Genealogia da família Felipe



Fonte: Débora Felipe

O casal que deu origem a família Felipe estabelece uma história de muitos anos dessa família com a cidade de Ceará-Mirim, pois tanto Maria Procópio² quanto João Felipe³ têm suas origens nessa cidade. Com o recorte feito para contar a história dessa família, sua história se inicia em meados de 1930, época na qual João Felipe, que já era casado com uma mulher conhecida pelo nome de Elisa, inicia um relacionamento estável com Maria Procópio.

Desse relacionamento nasceram dois filhos, Gilberto Felipe Lima e Luiz Felipe Lima cujos registros de nascimento apresenta Felipe como segundo nome. Desde a década de 50, a alcunha Felipe, para parte da família, é sobrenome, pois o filho mais velho de Maria Procópio, Gilberto Lima da Silva, adotou e registrou seus filhos com este sobrenome.

Possivelmente, dada a particularidade do contexto épico e social em que o casal vivia, João Felipe destinou parte de sua propriedade, que ficava do lado oposto às terras de sua esposa e ao centro da comunidade, para Maria Procópio. Essas terras tinham e ainda têm como divisor a lagoa de Lagoa Grande.

Embora João Felipe tenha mantido por vários anos os dois relacionamentos, não consta nos relatos orais nenhum tipo de problema entre as suas duas mulheres.

² Nascida em março de 1909 e vinda a óbito em setembro 2002. Maria Francisca da Conceição recebe a alcunha de Maria Procópio, herdada do nome do seu pai conhecido por *Seu Procópio*.

³ O sobrenome Felipe pode ter vindo em decorrência do nome de um cunhado de João Antônio, que tinha prestígio na cidade. Daí provavelmente ele, por um certo tempo, foi reconhecido como *João cunhado de Felipe* e, posteriormente, João Felipe. Na sequência, o apelido passou a ser sobrenome.

A família Felipe, pela localização geográfica, afastada do povoado de Lagoa Grande, e pela forma que vem construindo sua história de vida, torna-se socialmente distinta das demais famílias que compõem essa comunidade. Constatamos que essa distinção não favorece as relações interpessoais entre essa família e os demais membros dessa comunidade, criando uma espécie de distanciamento mútuo que, no primeiro momento, foi imposto pela relação estabelecida entre a matriarca da família com um homem casado e, no segundo momento, essa distância foi sendo vista como naturalmente constituída.

No fragmento do texto abaixo, escrito por Reginaldo José Felipe, neto de Maria Procópio e João Felipe, percebemos as dificuldades impostas pelo distanciamento de sua casa para a comunidade:

A maioria das casas do povoado era de taipa (pau-a-pique), instaladas às margens da linha férrea. Eram nessas casas que se encontravam as mercearias (popularmente conhecidas na localidade como bodega) [...] Durante a semana quando faltava mantimento em casa, era nessas mercearias que eu por ser mais velho dos filhos, ia comprar. Como morávamos mais afastados do povoado para chegarmos às mercearias tínhamos que percorrer longos caminhos por estradas de barro ou usar caminhos tortuosos e estreitos, mata adentro, ao redor da lagoa, também conhecidos como veredas. E esses eram os caminhos mais usados por encurtar a distância entre nossa casa e a bodega. (FELIPE, 2012, p. 24-25).

O autor que hoje tem 56 anos, no trecho citado, está contextualizando a época em que tinha entre 5 e 8 anos e precisava, por força da necessidade, ir até o centro da comunidade para comprar nas mercearias os mantimentos que faltavam para casa.

Ainda hoje, o isolamento geográfico em que a família vive não facilita a sua interação com a comunidade envolvente, que diz respeito à própria Lagoa Grande. O tempo passou, cerca de 8 décadas, e, mesmo com a vinda das pessoas da comunidade de Lagoa Grande para mais próximo dos membros da família Felipe – em consequências dos projetos de construção de casas de alvenaria pelo governo –, a distância imposta pela própria lagoa e terras privadas que circundam a família Felipe não a torna tão parte da comunidade de Lagoa Grande.

Limitada pela imposição social e econômica a que está exposta, a família Felipe, ainda hoje, permanece no lugar de origem, embora tenha saído da condição de miséria em que vivia.

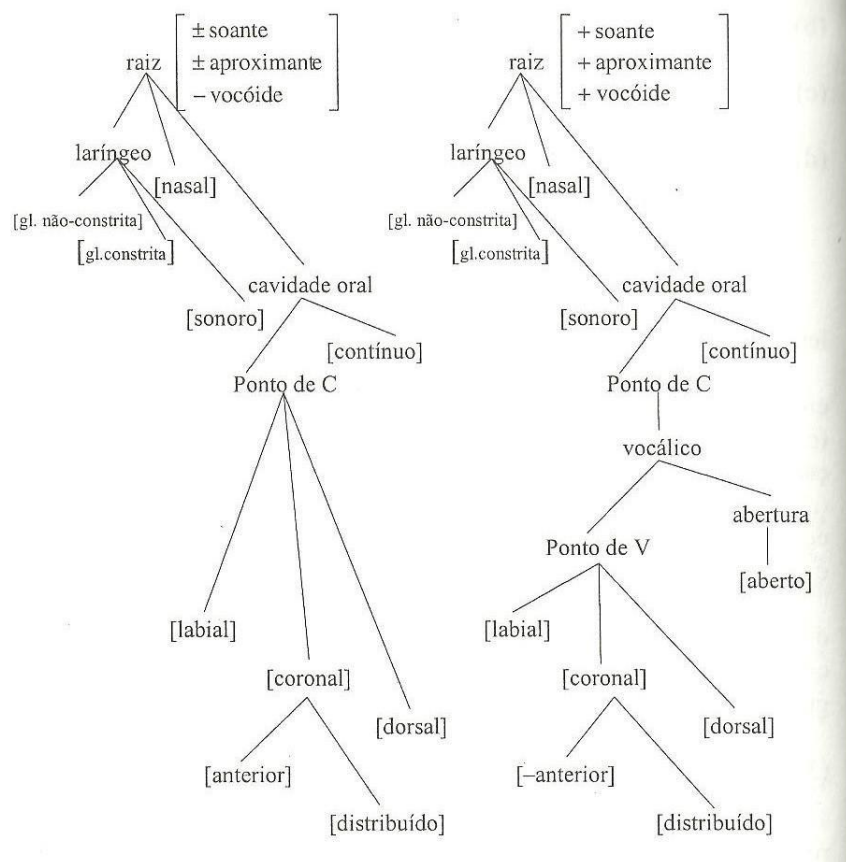
4. Respaldo Teórico e Análise dos Dados

O fato linguístico em análise considera a modalidade escrita da língua, a segmentação fonético-fonológica e a sequência morfológica de {-ram}, morfema modo-temporal do pretérito perfeito do indicativo e número-pessoal de p6. Tal sequência morfológica pode ser produzida, foneticamente, [pα@ω] variando com [pυ].

4.1 A Geometria de Traços

A Geometria de Traços proposta por Clements e Hume (1995) estabelece uma organização interna dos traços dos segmentos em nós, de tal modo que certas regras podem envolver os traços em seu conjunto (nó raiz ou nó intermediário) ou envolver apenas um traço fonológico (nó terminal). Essa configuração de traços sugerida pelos autores tem a seguinte representação:

Figura 2 Diagramas arbóreos de consoantes e de vogais



Fonte: MATZENAUER, Carmem Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.

A Geometria de Traços mostra que há hierarquia entre os traços fonológicos e que esses traços podem ser manipulados isoladamente e em conjuntos solidários. A partir da Geometria de Traços podemos explicar alguns processos fonético- fonológicos e/ou morfofonológicos.

Outro autor de importante relevância para nossa análise é Câmara Jr. (1980) que, em *Estrutura da Língua Portuguesa*, discorre acerca da formação dos ditongos nas formas verbais.

A estrutura verbal, em português, é composta por radical (R) seguido por vogal temática (VT), formando o tema (T) do verbo, cujos sufixos flexionais (SF) a ele se aliam, são eles os sufixos modo-temporal (SMT) e número-pessoal (SNP). O morfema gramatical referente ao MT do pretérito perfeito em p6 se realiza na forma {-ra}, já o morfema NP é realizado pela forma {-m}, considerando o registro escrito no PB.

A análise discute acerca do morfema MT no pretérito perfeito do indicativo quando o verbo se flexiona em p6 e nas alomorfias representativas das referidas formas verbais, que são

{-ra} e {-m}. Considerando as possibilidades fonéticas desses dois morfemas, observa-se a formação, a partir deles, de ditongo nasal [α@ω], cuja forma teórica, segundo Câmara Junior (1988) é /αω"/, que integra o arranjo morfológico {-ram} sílaba em que a semivogal

/ω/ compartilha a coda silábica com a consoante nasal debucalizada /ʍ/. Essa sequência, /ωʍ/ equivale à representação fonológica de p6 no pretérito perfeito do indicativo que corresponde ao morfema {-m} de p6.

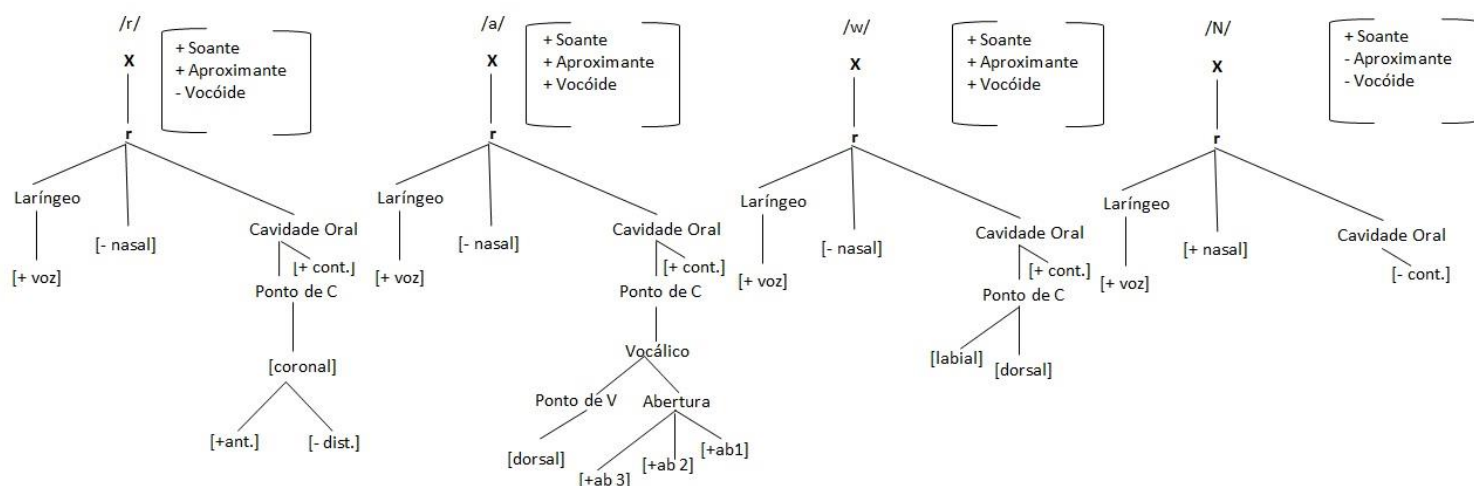
É interessante observar que a produção do [ω], em [πευδιραω], em detrimento da semivogal [φ], por exemplo, está ocorrendo por que a vogal núcleo da mesma sílaba é a dorsal [α], assim, podemos dizer que o tipo de vogal, núcleo de sílaba, está influenciando esta produção. Da mesma forma que a vogal [α] influencia no tipo de segmento semivocálico integrante do ditongo, a vogal coronal [ε] irá influenciar na formação dos ditongos com a coronal [φ].

Na forma verbal *bebem*, que corresponde foneticamente a [υβεβεεφ], por exemplo, há o ditongo nasal, decorrente da forma teórica /φʍ/ – representativa de p6 – que segue a vogal temática {-e} fonologicamente correspondente a um segmento coronal com o qual a semivogal /φ/ compartilha a sílaba na posição de coda, juntamente com a consoante debucalizada /ʍ/.

Câmara Junior (1988) faz referência ao ditongo /αωʍ/, mas acrescenta que, fora dessa formação de ditongo /αωʍ/, a presença da debucalizada /ʍ/ é mero travamento nasal. Porém, observando que o ditongo formado em p6 vem demonstrando condicionamento ao tipo de segmento vocálico núcleo da sílaba na qual ocorre, pode-se afirmar que a formação de ditongo como a ocorrida na palavra *bebem* [υβεβεεφ], por exemplo, não é um mero travamento nasal como generalizou Câmara Junior, e sim, um fenômeno condicionado pelo morfema {-e}, relativo à vogal temática, que antecede o morfema NP p6 {-m} que fonologicamente, em paralelo ao /ωʍ/, seria então /φʍ/⁴.

Os diagramas arbóreos a seguir trazem as representações dos traços articulatórios dos segmentos envolvidos na sequência morfológica MT+NP e as alomorfas sofridas por esses morfemas.

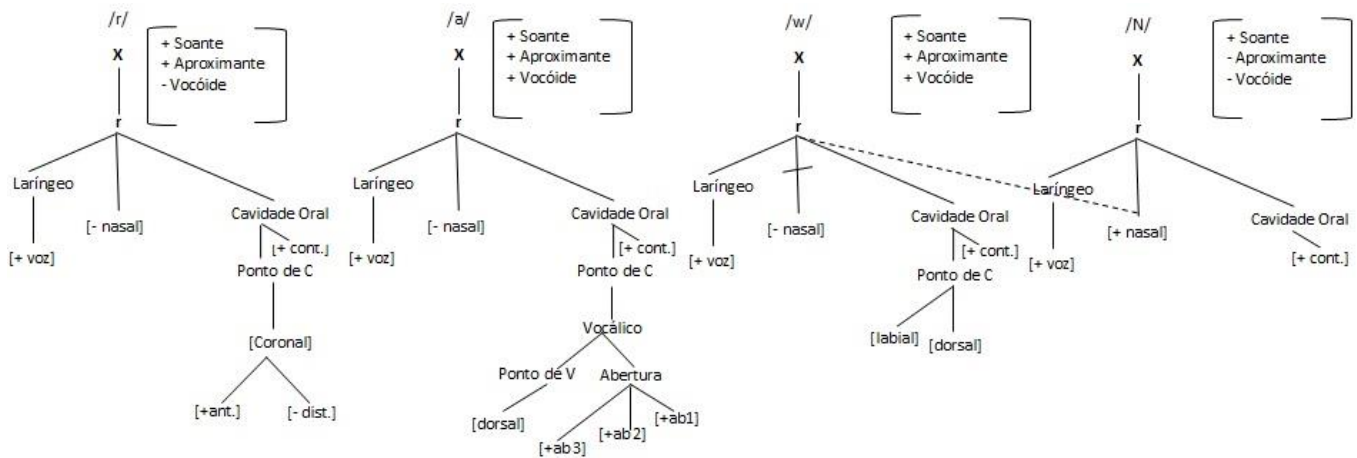
Figura 3 Geometria de segmentos



Na figura 3, há a descrição articulatória dos segmentos envolvidos na morfologia modo-temporal e número-pessoal.

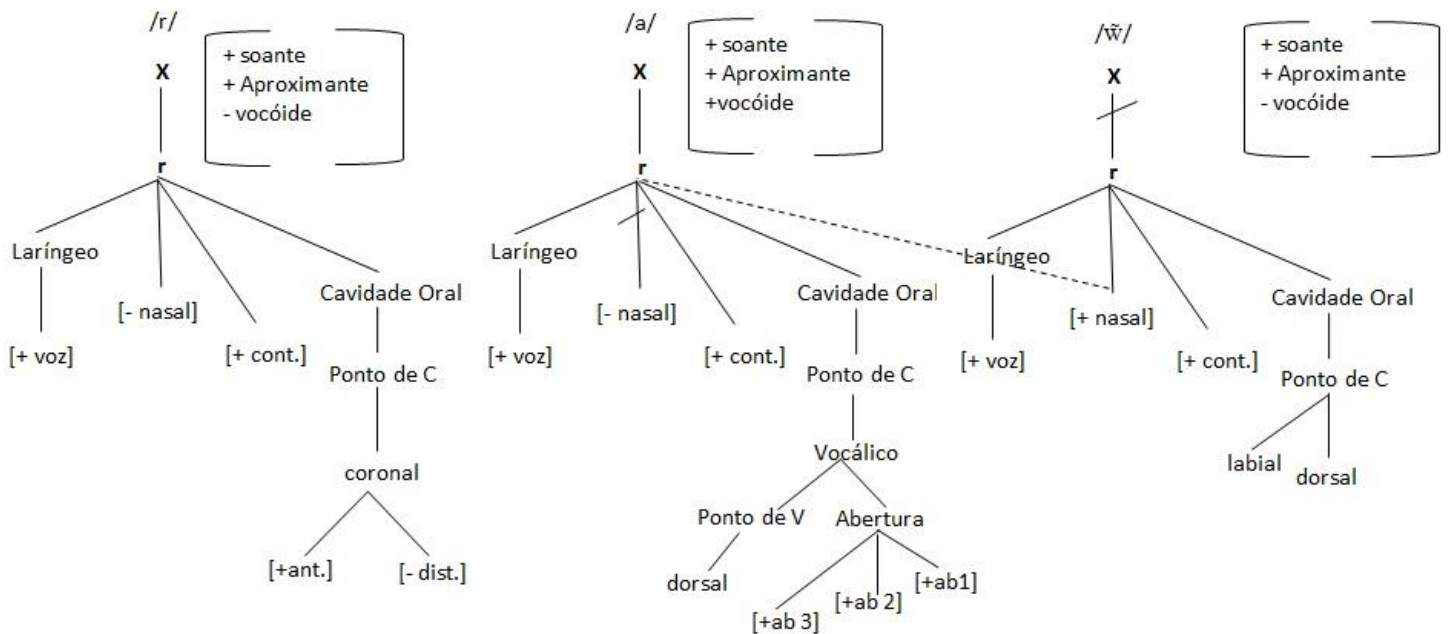
⁴ Dessas notações de Câmara Jr. concluímos que /ʍ/ é uma consoante debucalizada que é alvo do espriamento progressivo de ponto de articulação da vogal com a qual compartilha sílaba e que a representação /ωʍ/ seria melhor registrada se correspondesse a /ʍ/ com a possibilidade fonética de [ω] ou [φ].

Figura 4 Geometria de segmentos e representação de processos envolvidos na junção dos morfemas



Na figura 4, há a representação dos processos de desligamento do traço [-nasal] da consoante /w/ e o de espraimento do traço [+nasal] da consoante nasal debucalizada /r/ para a consoante semivogal /w/, ambas preenchendo coda silábica.

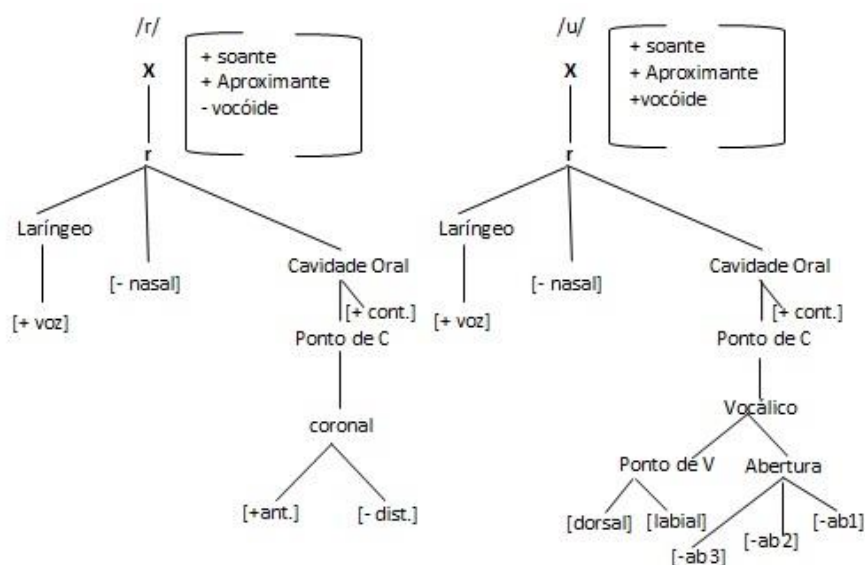
Figura 5 Geometria de segmentos



Observando as representações arbóreas acima, percebemos que a vogal dorsal /a/ tem seu traço [-nasal] desligado e é alvo do espraimento do traço [+nasal] de [w̃] promovendo a sequência fonética [a@w̃], pois o traço [+nasal] da semivogal é compartilhado com a vogal núcleo da sílaba.

A produção de fala a ser apresentada a seguir diz respeito à alomorfa dos sufixos MT e NP em p6 encontrada na fala do grupo pesquisado.

Figura 6 Geometria de segmentos



Partindo da forma fonética [pα@ω] para [pυ], é observada a monotongação. A ocorrência desse processo decorre, provavelmente, da atonicidade da sílaba da palavra e da sequência dos segmentos dorsais [αω]. Pode ser aplicado então o Princípio de Contorno Obrigatório (OCP) de Clements e Hume (1995 *apud* MATZENAUER, 2005) que, nesse caso, evita a sequência de vocóides dorsais na mesma sílaba em ambiente átono.

A atonicidade e a sequência de dorsais na mesma sílaba contribuem para o relaxamento da articulação dos segmentos, resultando na monotongação. A sequência de segmentos com traços em comum motiva, muitas vezes, o falante a produzir só um deles. Neste caso, a vogal [α], parte do MT, deixa de ser articulada, então o segmento que é semivocálico [ω@] ressilabifica para a posição de núcleo silábico. Consequentemente, deixa assim de ser produzido como semivogal e passa a ser produzido como a vogal [υ], com qual compartilha muitos traços articulatorios. Além disso, o [ω@] que passa a ser articulado como [υ] é produzido como segmento oral.

Foneticamente, os falantes da família Felipe observados tendem a produzir o alomorfe modo-temporal e número-pessoal focalizados como {-ru}.

4.2 A Sociolinguística

Segundo a Sociolinguística, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

A Sociolinguística respalda a condução da pesquisa de campo realizada e algumas possibilidades de inter-relação dos fatores sociais e geográficos com o sistema linguístico, influenciando na variação ora analisada. Para tal intento, aplicamos os conceitos da Sociolinguística que firmou-se nos Estados Unidos na década de 1960, com a liderança do linguista William Labov, comumente denominada de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação:

A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece (MARTELOTTA, 2011, p.141 - 142).

Na expectativa de observar os fatores que estão motivando a regularidade de fala dos integrantes da família Felipe – em contraste com outras realizações de fala -, observamos a produção de [pυ] em detrimento do [pα@ω] nas palavras verbais.

Membros da família Felipe que se afastam de Lagoa Grande ou estabelecem relações sociais para além da Família tendem a produzir o [pα@ω]. A produção de [pυ] é mais característica da fala dos membros da família Felipe que permanecem na comunidade e que estabelecem pouco contato com outros grupos sociais.

Apenas fazendo um recorte relativo aos morfemas mencionados nessa análise, já são observadas diferenças linguísticas morfofonológicas.

Sobre a heterogeneidade da língua Weinreich; Labov; Herzog (*apud* CASSEB-GALVÃO, 2014, p. 156) defendem que

Na busca por romper com a identificação entre estrutura e homogeneidade, a Teoria para a Variação e Mudança Linguísticas postula que a ausência da heterogeneidade no sistema linguístico concreto é que seria disfuncional, e descarta as idéias de que estruturas heterogêneas refletem multidialealismo ou situam-se apenas no nível do desempenho linguístico de seus usuários. Postula-se, ao contrário, que o domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos falantes.

A heterogeneidade da língua deve ser descrita como uma diferenciação de uma comunidade de fala em relação a outras comunidades de fala.

O convívio de indivíduos de uma comunidade de fala com falantes de outras comunidades tende a promover mudanças em suas escolhas linguísticas. Alguns pesquisados permanecem produzindo [pα@ω], enquanto outros substituíram a produção de [pα@ω] por [pυ]. Observamos que as pessoas que fizeram a produção de [pα@ω] têm uma mobilidade social maior.

As redes densas, cujos laços são contraídos em um território limitado, são próprias de grupos de nível socioeconômico mais baixo, onde prevalece a orientação para a identidade. Em termos sociolinguísticos, verifica-se que nesses grupos há uma forte tendência à preservação do vernáculo, ou seja, da variedade usada no lar e no círculo de amigos e vizinhos. Os indivíduos que conseguem engajar-se no processo de mobilidade social, por outro lado, contraem redes mais esparsas e estão, conseqüentemente, mais abertos à influência das pressões padronizadas da cultura dominante, inclusive da língua-padrão. (BORTONI, 2005, p.96).

Nesse sentido, nossa análise aponta para fortes possibilidades de o contexto social, atrelado ao espaço geográfico em que se encontra a Família Felipe, está influenciando na monotongação da forma verbal flexionada em p6 do pretérito perfeito. Pois, segundo dados analisados na nossa pesquisa, dois dos entrevistados, todas as vezes em que falaram as palavras verbais no pretérito perfeito do indicativo flexionado em p6, fizeram a monotongação. Esses entrevistados têm um vínculo forte com o contexto social em que a família está inserida. Já os entrevistados que não fizeram a monotongação estão envolvidos em atividades fora de sua comunidade linguística, considerando que estudam e trabalham em Natal.

5. Considerações Finais

Percebemos na análise do *corpus* que dois dos entrevistados monotongam todas as palavras verbais no pretérito perfeito do indicativo em p6. Contudo, para chegarmos a conclusão de que essa é uma variação corrente na produção de fala da família Felipe, de um modo geral, precisamos ampliar o número de colaboradores da família.

Diante disso, faz-se necessário o aprofundamento da pesquisa em relação à hipótese da monotongação nas palavras verbais, de modo a determinar se o alomorfe {-ru} é uma representação linguística da fala diferenciada da família Felipe.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Marris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

_____. **Problemas de Linguística Descritiva**. 4. ed. Petrópolis: Vozes LTDA, 1988.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. Uma proposta para a promoção do português brasileiro em contexto europeu não lusófono: aspectos didáticos, políticos, econômicos, sociais e lingüísticos. **Signótica Especial**, jan./jul., p. 145-160, 2014.

FELIPE, Reginaldo José. **Alfabetização no programa mulheres mil**: a evasão no Assentamento Rosário- Agrovila Canudos. 2012. 107 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Organização Escolar para Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos) – IFRN, Campus João Câmara.

IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 01 dez. 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATZENAUER, Carmem Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.